

UM PEDREIRO PADRE E UM PADRE PEDREIRO, POR UM DIA.



Durante 11 anos de minha vida, trabalhei como eletricista em uma construtora da cidade de Siderópolis. Corria de obra em obra, aqui pela terrinha e nas cidades vizinhas de Criciúma, Nova Veneza e Treviso, entre outras, para fazer as instalações elétricas conforme era necessária. Um período que além da experiência profissional, me proporcionou algumas experiências de vida e algumas um tanto cômicas.

Trabalhar de um lado para outro tinha suas vantagens, a gente conhece pessoas, lugares e principalmente, não está sempre na mesma rotina, mas também tem suas adversidades: o almoço precisava ser preparado no dia anterior e levado na bolsa. Para comer a marmita quentinha, era preciso esquentar a panela em uma

latinha cortada, colocar um pouco de álcool, e ascender o fogo. As vezes no verão, a comida azedava. Nem sempre se tinha um local confortável para o almoço e o café, as vezes uma sombra era artigo de luxo. Banheiro então, as vezes tinha, as vezes era uma patente ou as vezes era o mato. Para quem quisesse descansar na hora do almoço, o jeito era improvisar uma tabua em algum canto e deitar sobre ela.

Trabalhar com peão de obra rendia bons causos, as vezes aparecia cada figura. Em meu primeiro ano na empresa, em 2006, eu estava trabalhando em Treviso, fazendo a instalação elétrica de algumas casas populares que estavam sendo construídas pelo interior. Eu havia começado a trabalhar em junho, dias depois começou a trabalhar com a gente um rapaz que a turma apelidou de coxa colada.

Íamos para o trabalho na carroceria de um caminhão que tinha sido adaptada com uma capota, o caminhão passava de obra em obra deixando as equipes. Para chegar até uma das casas, que estava sendo construída, se passava por uma estradinha de terra batida, onde havia um pé de bergamota carregado da fruta, os galhos se estendiam sobre a estrada e pegavam na capota do caminhão, ao passar por ali, nós íamos para fora, para de cima da carroceria alcançar algumas frutas. Certo dia estávamos atrasados e o motorista resolveu dar uma “carcada” no acelerador, ao se aproximar do pé de bergamota, o coxa colada exclamou:

– Vou ali pegar umas “vergamotinhas”!

Não deu nem tempo, com a velocidade do caminhão os galhos se ergueram sobre a capota e quando baixou, jogou o coxa larga como um pacote no chão, não bastasse isso, para delírio da galera, ele ainda levou uma destratada do motorista:

– O que tu estás fazendo aí fora o “diabedo”? Não está vendo que estamos atrasados?

Neste mesmo período começou a trabalhar outro peão, um senhor de uns cinquenta e tantos anos, já franzino, cabelo crespo e barba rala, a quem rapidamente apelidei de Zé Ramalho, por sua semelhança com o cantor. Era um senhor simpático, que até gostou do apelido, por também gostar do artista. O pessoal comentava que seu Zé gostava de uns tragos, e isso era notável, todo dia ele levava uma garrafinha com uma purinha. Essa aliás, era uma pratica comum entre os peões, levar escondido do patrão uma garrafinha com cachaça, a quem carinhosamente apelidavam de Juninho.

Aquele ano o inverno estava bem rigoroso, sendo possível observar no trajeto até o trabalho, vários pontos com geada acumulada. “Zé Ramalho” estava trabalhando em uma casa no alto de um morro, como o caminhão não tinha acesso, era necessário descer na estrada, e para chegar até o local, passar por um tronco deitado por cima de um pequeno córrego. Missão difícil para nosso querido Zé, que acabou se desequilibrando e caindo sentado no córrego. O jeito foi se esquentar em um fogo improvisado com sacas de cimento e tomar um “traguinho” que sempre aparecia.

Outra passagem que rendia boas gargalhas, foi a vez que subimos a serra para trabalhar em São Joaquim, era um sábado e para nossa alegria, o patrão havia dito que o almoço seria por conta da empresa, e assim foi, ao meio dia fomos para o restaurante, estava com a gente seu Clesinho que de cara se empolgou com o bife:

- Opa, peixe empanado, “to” feito... – disse ele enchendo o prato.
- Vai devagar Clesinho, deixa espaço para a carne e as outras coisas! Alertou um colega.
- Que nada, só peixe está ótimo.

Já sentados, o silêncio tomava conta da mesa, cada peão concentrado com sua montanha no prato, de repente seu ouviu seu Clesinho indignado:

- Eca...não é peixe, é berinjela empanada!

Foi uma festa, riram tanto do coitado que ele ficou emburrado e não quis comer mais nada.

De todas essas histórias, lembro de uma com carinho, em 2015 se não me falha a memória, estávamos trabalhando na construção da capela da comunidade de São Martinho Baixo, aqui em Siderópolis. O templo era um sonho antigo do então pároco e filho da cidade e daquela comunidade Padre Miro de Bona, conhecido por sua simpatia, irreverência e ótima oratória, entre outros. A obra estava no começo e como a laje do piso estava para ser concretada eu estava no local para poder posicionar os dutos de distribuição de eletricidade.

Era comum ver o Padre Miro visitando a obra, já tinha feito amizade, e vivia brincando com o pessoal, entre eles tinha um senhor a quem chamávamos de “De Bona” (eu era o “de boninha”. Vale esclarecer que apesar do sobrenome em comum,

eu, o Padre Miro e o De Bona citado, não temos parentesco em primeiro grau). O De Bona adorava aprontar umas, e também gostava de tomar moderadamente uns “traquinhas”, vivia zoando a turma.

É um costume antigo que neste tipo de obra, tenha o lançamento da pedra fundamental, com missa campal, benção do local e coisas do tipo, como os alicerces da nova capela foram feitos em concreto armado, não teve como fazer o lançamento da pedra fundamental. Então um dia, enquanto a laje estava sendo concretada o Padre Miro apareceu na obra e foi falar com o De Bona, que era o responsável pela obra:

– De Bona, quando a laje estiver pronta eu gostaria de colocar o primeiro tijolo. Pediu o Padre Miro.

E o De Bona foi firme, fingindo estar incomodado, e isso ele fazia muito bem:

– Que negócio é esse Padre? O senhor é pedreiro agora?

O padre não conseguiu esconder seu espanto, será que tinha ofendido com o pedido? E o De Bona continuou:

– Eu até posso deixar o senhor colocar o primeiro tijolo da capela, mas com uma condição: que o senhor me deixe rezar a primeira missa.

Gargalhadas por toda obra, inclusive do Padre que entrou na brincadeira, perguntando:

– Mas por que tu quer rezar a primeira missa?

Mais uma vez o De Bona foi objetivo, arrancando risadas:

– Para poder tomar o vinho!

Claro que o Padre pode colocar o primeiro tijolo, sem que o De Bona rezasse a primeira missa, mas é lógico que a turma não iria deixar assim barato. Sempre que

o padre visitava a obra, tinha que escutar brincadeiras do tipo: “ Padre, tivemos que tirar o tijolo, estava fora de prumo”, “estava fora de nível”, “a obra ficou torta por que o senhor começou errado”.

Logo acima do primeiro tijolo, que segue exposto, não tendo recebido reboco, foi colocada entre a massa de reboco uma garrafa, que eu mesmo providenciei. Dentro está uma planta arquitetônica da igreja onde escrevi os nomes dos que trabalharam ali.

Isso tudo ninguém me contou, eu estava lá!